



ENTREVISTA COM RICARDO PEREIRA TASSINARI

Ricardo Pereira Tassinari graduou-se em Física pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) em 1992 e em Matemática (60%, Bacharelado, não concluído) em 1994. Obteve o mestrado em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP) em 1998 e o doutorado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas em 2003. Atualmente é professor assistente doutor do Departamento de Filosofia e Coordenador do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Também é pesquisador junto ao Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência da Universidade Estadual de Campinas (CLE-UNICAMP).

A entrevista apresenta o percurso de formação do autor e os interesses que o direcionaram. Ela foi realizada via email em junho-julho de 2009 por meio do entrevistador João Antonio de Moraes.

Como interpreta sua produção teórica? Haveria um projeto comum ou uma “linha-mestra” que a percorre? Teria havido rupturas, cortes epistemológicos? Quais e em que momentos?

De forma bem geral, penso que o que norteou e norteia minha pesquisa é a compreensão do que é a Realidade. Decidi fazer Física como Graduação, porque ela fazia uma descrição precisa da Realidade, matemática, que se poderia conferir. Mas, relacionado a essa compreensão do que é a Realidade, estava a questão de como fundamentar esse conhecimento da Realidade e de como sistematizá-lo, o que me levou a estudar mais a Matemática e a fazer uma iniciação científica em Lógica, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Itala Maria Loffredo D'Ottaviano. Posteriormente, as questões de compreensão das estruturas necessárias ao conhecimento me levaram a estudar, no Mestrado, a teoria epistemológica de Jean Piaget, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Zélia Ramozzi-Chiarottino. Há uma característica que sempre me influenciou muito, nessa busca, que é a integração daquilo do que consideramos conhecimento com o que pode ser realizado; assim, o conhecimento através de modelos sempre esteve presente, por ter a possibilidade de uma verificação mais direta daquilo que representa e do que pode ser realizado. Na época do Mestrado, tive o prazer de conhecer o Prof. Gilles-Gaston Granger e seu pensamento, com sua análise crítica dos diversos tipos de Conhecimento, em especial do conhecimento científico e o por construção de modelos. Por fim, no Doutorado, novamente sob a orientação da Prof^a. Itala, pesquisamos as conseqüências do Primeiro Teorema da Incompletude de Gödel na modelagem do comportamento humano, em especial, nos comportamentos de descobertas de verdades lógicas e matemáticas, associando essas implicações a aspectos da Teoria da Auto-Organização de Michel Debrun. Lembro-me do espanto que me causou o estudo do Primeiro Teorema da Incompletude de Gödel, já na Graduação, pois ele implicava a impossibilidade de um fundamento axiomático último para a Matemática, que, por sua vez, serve de fundamento à Ciência. Quanto aos cortes epistemológicos, houve mudanças significativas, pois, na época da Graduação, eu me considerava materialista



ou fisicalista (lembro-me de ter sido muito influenciado, também, pelo pensamento de Nietzsche), enquanto que, no Mestrado, por influência do estudo em Epistemologia Genética de Jean Piaget, passei a perceber que construíamos o significado do que é "Realidade". Lembro-me de, nessa época, estudar muito a Teoria Geral dos Sistemas, de von Bertalanffy, aspectos da teoria do Caos e, devido a busca de entendimento da afetividade humana, estudar Freud e retomar o estudo da *Ética* de Espinosa; por influência de minha orientadora, na época, estudei também Kant. Nessa época, marcado pela noção de substância da filosofia espinosiana e pela descoberta de que construímos o que é a Realidade para nós, vim a encontrar, em Hegel, o paradigma de uma nova visão do que é a Realidade, mudando minha ontologia de um materialismo-fisicalista para um idealismo que comporta sistemas de seres autoconscientes; o que tem norteado, desde então, minhas pesquisas.

Vejo que Piaget e Hegel tiveram muita influência em sua formação, você poderia falar um pouco mais sobre a junção Piaget-Hegel na compreensão, ou na construção, da Realidade?

De fato, as teorias desses autores me marcaram profundamente. Primeiramente Piaget, pois, como físico, pensava que a noção de que um objeto continua existindo fora de nosso campo de visão seria uma noção primitiva, elementar, quase auto-evidente, "inquestionável", e Piaget mostra que, no início, não temos essa noção e que ela se constrói; mostra também o como ela se constrói. Mais ainda, Piaget mostra como aquilo que um sujeito julga existir (suas significações) depende diretamente do sistema das ações que esse sujeito realiza ou de ações que ele atribui aos elementos que compõem a Realidade. Assim, a Realidade para o sujeito, e sempre é para um sujeito, depende desse sistema. Como dizia a Prof^a. Zélia, parodiando Wittgenstein, "os limites de seus esquemas [de ação] são os limites de seu mundo". Quando se compreende como a teoria piagetiana explica a construção dessas estruturas que permitem o ser humano construir sua concepção do que é a Realidade, percebe-se quanto o que a Realidade é para nós depende da inteligência. Se pensarmos que a própria Ciência, como a Física, evoluiu e, com ela, nossa própria percepção do que é a Realidade, veremos que isso não é tão absurdo assim; aliás, explicar essa evolução da Ciência sempre foi a meta da Epistemologia Genética, que, não deve ser confundida, como fazem alguns, com a Psicologia Genética. Quanto a Hegel, meu contato com sua obra surge no momento dessa minha virada epistemológica, conjuntamente com minhas leituras da *Ética* de Espinosa, com sua noção de substância e de que "A ordem e conexão das idéias é a mesma que a ordem e conexão das coisas". Lembro-me de ter encontrado, em uma livraria, uma versão barata, mas não muito confiável, da *Introdução à História da Filosofia* de Hegel, que exerceu verdadeiro fascínio sobre mim, o que me levou a comprá-la e devorá-la. A partir desse dia, o estudo da obra de Hegel, principalmente da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, me propiciou a sistematização de muitos elementos que já vinha pensando sobre a Ciência e sua constituição, tanto no indivíduo quanto de forma universal. Na *Enciclopédia*, Hegel não apenas sistematiza o Conhecimento, enquanto a Totalidade, mas o coordena com a Ética e o Bem, com o Direito e sua Filosofia, com a Estética e o Belo, com a Religião e nossas concepções do divino, com a História e seus motores e desenrolar, e, enfim, com a Filosofia como livre pensar da própria Totalidade sobre si mesma que direciona a própria história dos homens enquanto seres livres. Quanto a relação entre Piaget e Hegel, costumo brincar



dizendo que a Epistemologia Genética é um estudo mais detalhado do que Hegel chamou de "Espírito Teórico" na *Enciclopédia*. Em linguagem menos técnica, temos que a Epistemologia Genética é uma das disciplinas que nos mostra, como diz o próprio Piaget, o "aumento dos conhecimentos, isto é, da passagem de um conhecimento inferior ou mais pobre a um saber mais rico (em compreensão e extensão)", bem como das estruturas e noções a eles necessárias; assim, se nos decidimos, enquanto consciências, a nos instalar dentro desse Saber da Totalidade que se auto-expõe a nós, no qual também estão as ciências contemporâneas, principalmente enquanto estruturadoras do que chamei Realidade, então a Epistemologia Genética nos permite retrair como chegamos a nos compreender dentro desse Saber da Totalidade que se auto-expõe a nós.

Retomando seu interesse pela Ciência, enquanto adotada para a compreensão da Realidade, qual seria o papel da Filosofia nas mudanças de paradigmas científicos? Isto é, como a Filosofia deveria se colocar diante das alterações das estruturas científicas que nos auxiliam no entendimento do que é a Realidade?

Há duas questões aí: a sobre contribuições da Filosofia para a Ciência e a sobre contribuições da Ciência para a Filosofia. Começando pela contribuição da Ciência para a Filosofia acho que ela é, ou deveria ser, total, pois contemporaneamente a Ciência nos apresenta a imagem mais isomórfica do que é a Realidade. Melhor explicado: na Ciência representamos ações e operações, que podemos realizar, por operações sobre signos e, nesse sentido, a imagem que ela nos apresenta é mais direta e mais testável; logo, acho que a Filosofia deve considerá-la, mesmo que seja para mostrar uma possível insuficiência desse tipo de conhecimento. Penso que a Ciência acaba tocando todas as áreas da Filosofia, mesmo quando se trata de um autor não contemporâneo que fala da Ciência de seu tempo, por exemplo, ou quando se fala de um subjetivo oposto a uma objetividade. Quanto as contribuições da Filosofia para a Ciência, temos que o domínio do pensamento não pode ser completamente modelado; lembremos, por exemplo, da impossibilidade de axiomatização da Matemática, exposta pelo Teorema da Incompletude de Gödel, ou que, para fazer modelos, realizamos necessariamente abstrações que deixam de lado, portanto, elementos que são pensados. Abre-se assim, todo um campo que não é, ou não pode ser, tratado completamente com a construção de modelos, cientificamente. No caso das ciências do homem, o que se faz nesse domínio é importantíssimo e a Filosofia tem muito a contribuir com a Ciência.

Quais suas atuais preocupações no campo das ciências humanas?

Essa é uma boa pergunta. Há, para mim, pelo menos dois tipos de preocupações atuais: as para o momento e as que estão sempre presentes. Para o momento, quero aprofundar a questão dos modelos em Epistemologia Genética, como parte de uma sistematização desse conhecimento; de fato, a formalização, que passa pela construção de modelos que podem ser testados, permite explicitar as estruturas subjacentes ao comportamento humano com uma clareza ímpar, quando se a entende; por outro lado, quero também discutir o limite desse tipo de conhecimento. Quero ainda continuar a reinterpretar esses e outros temas da Filosofia em termos de um Idealismo Especulativo atual que leve em conta o conhecimento contemporâneo, tornando mais claro essa forma de idealismo. Quanto às preocupações sempre presentes, acho que é da compreensão do



4^o Encontro de Pesquisa na Graduação em Filosofia da Unesp

que é o ser humano, no qual as pesquisas atuais estão também contidas. De alguma forma, parece que voltamos sempre ao início, ao "Conhece-te a ti mesmo!".

Quais as determinações da formação cultural brasileira que geraram o surgimento e o desenvolvimento do seu trajeto teórico?

Podemos dizer que a cultura brasileira, enquanto tal, surgiu a meio século em uma fusão desigual entre os povos europeus e as comunidades que aqui estavam. Meus avós paternos eram filhos de italianos e, por parte de minha mãe, há uma certa mistura. As concepções acima de Realidade que citei são de origem européia (é claro que retomadas antropofagicamente); não vejo como negar essa nossa herança: comunicamo-nos em Português! Penso então que as determinações da formação cultural brasileira que me influenciou são aquelas das instituições, mestres e autores, que citei acima.

Quais foram as condições institucionais que possibilitaram e têm possibilitado a realização de seu trabalho teórico?

Acho que a maior delas foi a possibilidade de ter mestres (digo "mestre", pois para mim foram mais que professores) extremamente competentes e comprometidos com o rigor e qualidade da pesquisa, bem como com o espírito aberto a discutir novas concepções e posições. Penso que, quanto mais a universidade dá condições de trabalho a pessoas com esse perfil, mais cresce em excelência e, quanto menos condições oferece, mais a universidade se distancia de uma pesquisa em que haja alguma relevância.

As determinações institucionais têm limitado, neutralizado ou integrado os resultados da sua produção?

Eu diria que os professores, pelo menos aqui da UNESP, e, principalmente, de nosso departamento, têm sido heróis em conseguir manter com quadro tão reduzido de professores (somos 11 efetivos no momento) um Curso de Graduação em Filosofia e um Curso de Pós-Graduação em Filosofia, além de exercer as atividades de gestão e extensão. Além disso, a UNESP tem no passado muitas atividades que são funções de funcionários especializados, mas não propriamente de docentes. Toda essa sobrecarga influencia certamente no que pode ser produzido.

O que deve ser exigido hoje num curso de formação de filósofos?

Acho que duas coisas: formação histórico-filosófica consistente e rigorosa, inclusive no que diz respeito aos resultados já consolidados e básicos da Lógica, e que o aluno consiga se posicionar frente às eternas questões da Filosofia, para além de um mero jogo intelectual.

Como ensinar a Lógica na Filosofia, uma vez que a maioria dos alunos que passam no vestibular pensam que nunca mais irão lidar com fórmulas matemáticas ou lógicas?

Essa é uma pergunta ácida, mas extremamente pertinente. Acho que a Lógica é eterna.



40 Encontro de Pesquisa na Graduação em Filosofia da Unesp

Nunca poderemos fazer Filosofia sem Lógica; mesmo para superar verdadeiramente certos formalismos em Lógica é preciso conhecê-los. Acho que os bons alunos, que não estão só de passagem, sentem isso, por mais que não venham a se dedicar seja à Lógica seja às suas implicações. Sempre foi assim, desde o Lógos grego, antes mesmo do Órganon aristotélico. E, independente de nossa vontade, estamos no Século XXI e nosso conhecimento atual da Natureza e do Homem, em particular, é permeado pelas estruturas lógico-matemáticas. De certa forma, só quem não as conhece não vê isso. Acho que, por essas razões, os alunos têm se mostrado receptivos à Lógica, mesmo com as dificuldades e esforço que seu aprendizado suscita.

Tendo em vista que esta entrevista é para uma revista de pesquisa na graduação em Filosofia, e dado que o senhor é o coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNESP, o que acha da pesquisa na graduação? E como considera que ela deveria ser feita?

A pesquisa na Graduação é essencial. Graduação não é um curso técnico, não deve criar robôs que seguem algoritmos. Claro que as técnicas são importantes e devem ser ensinadas (inclusive as técnicas de leitura e escrita de textos, por exemplo), mas não podemos nos restringir a elas. Ora, essa síntese de aprendizado de técnicas e pensamento crítico só se dá na pesquisa. Quando um graduando pesquisa um tema de seu interesse, e sempre deveria ser de seu interesse, mesmo que parcial, ele cresce, academicamente falando, adquire autonomia, maturidade intelectual. Deve haver espaço para o livre pensar, junto é claro com a exposição rigorosa do próprio pensamento e o estudo honesto de outros pensamentos, honesto no sentido de buscarmos realmente compreender o que o outro disse e não apenas de o interpretarmos ao nosso bel prazer. Acho então que a Graduação sem pesquisa é como comida sem sabor: é o que fazemos para sobreviver, mas também o que nos distancia da Vida! E a Pós-Graduação é uma extensão natural da própria pesquisa na Graduação; mesmo quando mudamos de tema de pesquisa, levamos conosco o que pesquisamos anteriormente, seja em termos de um conteúdo que podemos comparar, seja em termos da forma de como pesquisar (ou não pesquisar).

Estamos chegando ao final da entrevista. O Sr. tem algo em especial que gostaria de dizer?

Gostaria de agradecer a você e à Revista Filogênese pela oportunidade desta entrevista. É bom ver que nossos alunos têm se dedicado com seriedade e comprometimento com a qualidade da produção acadêmica e da formação humana. Claro que expressei aqui posições pessoais, que, apesar de contundentes, não pretendo que sejam tomadas de forma dogmáticas. Penso que o que expressei em relação à pesquisa na Graduação deveria também pautar nossa convivência e diálogo na Universidade. Sem dúvida, a Revista Filogênese é um exemplo vivo dessa forma de convivência e diálogo.